

A Igreja Católica no século XIX e as missões no Norte do Brasil

Danielle Ventura Bandeira de Lima ¹
danihistoriadora@yahoo.com.br
GP Igreja Católica no Brasil
**Coord.: Sidinei Galli (UNESP/
Assis)**

Introdução

O catolicismo no Brasil, durante o século XIX, possui posturas bastante diversificadas, pois parte dos clérigos defendiam que a Igreja deveria permanecer vinculada ao Estado tal qual era durante sua colonização, outra parte reivindicava que esta precisava se adaptar as idéias iluministas a fim de fazer com que esta se adequasse a situação do Brasil que em seu ver não poderia mais sofrer com a dependência da coroa portuguesa e, por fim, a população nada entendia sobre tais conflitos e continuava se apegando aos santos e aqueles que lhe trouxessem melhores condições de vida.

Diante dessa situação, há uma preocupação pelo Clero Romano em fazer com que o Brasil pudesse obedecer a hierarquia clerical e evitasse esta desvinculação proposta pelos ideais iluministas que tentavam nacionalizar a Igreja Católica no país. Criticando ainda, a presença de pessoas que não faziam parte do clero nas missões.

Tais idéias conflitantes prejudicaram o trabalho missionário do Padre Ibiapina que consciente de que só quem se disponibilizaria a colaborar ativamente com suas obras sociais seriam pessoas da localidade que teriam interesse em modificar sua realidade, uma vez que a igreja apesar de respeitá-lo como sacerdote e reconhecê-lo como colaborador com a situação do país, jamais concordou em ver à frente de suas missões após a sua morte, as mulheres leigas da região.

A análise da situação que se encontrava a Igreja neste período nos permitirá observar seu olhar sob as missões que surgiram no Norte do País e quais os pensamentos que perpassavam a época e que garantiram que esta se utilizasse de uma postura rígida com relação às missões.

¹ Graduada em História pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões – PPGCR da UFPB, onde é bolsista da CAPES.

A Igreja Católica e a diversidade de pensamentos

A Igreja Católica desempenhou um importante papel na sustentação do poder constituído no Brasil. Em contrapartida, o Estado exercia forte influência sobre a mesma, através do controle do pagamento pelas atividades do clero e a contratação de funcionários civis para observar a ação dos bispos tendo como meta informar sobre algum desvio de conduta, enfim ele ditava as regras de conduta da Igreja. É o que nos mostra Romano na citação abaixo:

Na colônia, foi tão forte o mando laico sobre o instituto eclesiástico, que se pode falar deste ultimo como “uma corporação que foi transformada em serva do poder secular, como um departamento do Estado”. Documentos oficiais da época definiam normas que regulavam o procedimento dos negócios religiosos. Previa-se desde o modo a ser empregado na renumeração dos quadros eclesiásticos, até o controle oficial do culto, por parte do funcionário civil, o qual deveria acompanhar a ação dos bispos, avisando o governo central dos eventuais revoltosos no meio da hierarquia fornecendo-se a administração local, nessas ocasiões, as regras de comportamento necessárias (ROMANO, 1979, p 82)

No Império a forma como a Igreja se posicionava frente ao poder temporal garantiu que essa pudesse partilhar das riquezas do Estado, sendo proprietária de grande quantidade de terras e exercendo influência na saúde, educação e sendo encarregadas de fazer o registro civil das pessoas.

Contudo, AZZI (1991) nos mostra que, inspiradas nos ideais iluministas, foram introduzida no país, após a sua independência, idéias de cunho liberal que, alimentando um sentimento nativista, afirmavam que o país podia caminhar por conta própria e que o Modelo Igreja - Crisandade precisava ser superado para que se formasse uma união entre a liberdade da pátria e a Igreja no país.

Essa busca de uma identidade brasileira presente nestes padres foi fator primordial para que estes tivessem grande atuação nas revoltas de cunho liberal e oposto ao domínio do governo luso brasileiro, das quais podemos destacar a Revolta de 1817:

A revolução de 1817 pode quase dizer-se que foi uma revolução dos padres; pelo menos constituíram-se eles o melhor elemento, o que mais deu provas de sinceridade, de isenção e devotamento, onde recrutaram, com poucas exceções, os seus dirigentes. A lista dos que participara, do movimento e sofreram pelas idéias que tinham feito suas abranger, no avulto número, cônegos e governadores do bispado, vigários e coadjutores regulares e seculares, dos quais

dois se suicidara, quatro foram supliciados, e muitos condenados a pena de prisão na Bahia. (Duarte,1972, p57)

A Santa Sé, no entanto, discordava da postura liberal de alguns padres no Brasil e buscou, através da presença de núncios apostólicos, enfatizar a unidade eclesial. “O núncio Lourenço Caleppi chegou ao Brasil acompanhado do seu secretário Rossi. Esses diplomatas pontifícios desenvolveram uma ação intensa no sentido de reforçar o poder de Roma no Clero Brasileiro” (AZZI,1991, p 229)

Essa busca pela centralização difundiu-se entre os clérigos principalmente após a *Questão Religiosa*, em que os bispos Dom Macedo no Pará e Dom Vital em Pernambuco, influenciados pelas idéias ultramontanas advindas da Europa durante o Pontificado de Pio IX em 1864 com a publicação da Encíclica *Quanta Cura* e do *Syllabus*, defenderam veementemente a obediência à hierarquia eclesiástica e a ausência de compatibilidade entre as idéias da maçonaria e da Igreja:

D Vital e D Macedo foram, no Brasil, os mais legítimos representantes das teses que, inerentes ao catolicismo, encontraram expressão acabada no Pontificado de Pio IX. Formados ambos da Europa regressaram ao Brasil com o espírito moldado pelas doutrinas ultramontanas, prontos a servir sempre a causa do catolicismo, sem termos ou desfalecimentos. (BARROS, 1985, p 338.)

As idéias difundidas pelos bispos foram defendidas com maior veemência, em 1870 com o decreto da *Infalibilidade papal*, pois este incentivava os bispos a restabelecer sua autoridade em suas Dioceses para possibilitar a hierarquização e autonomia do Papa frente à Igreja, entrando em conflito direto com o Estado e desestruturando o sistema do Regalismo² presente no Brasil.

A Instituição do dogma referente à infalibilidade do Papa teve como alvo principal o poder do Estado sobre as pessoas e, portanto deu início a busca dos bispos a recuperarem sua autoridade nas respectivas Dioceses que eles estavam administrando, restaurando a autonomia da Instituição da Igreja como um todo e combatendo os últimos resquícios de Regalismo existentes no Brasil.³

A ação de ambos os Bispos se deu nas Irmandades administradas por esses, nas quais se teve a exigência de que aquele que freqüentasse a maçonaria teria que abandoná-la, caso contrário, se suspenderia suas atividades no recinto, ameaçando de

² Sistema em que o Estado pode interferir na atuação da Igreja.

³ ROMANO, 1979.

interdição àquelas que não cumprissem o estabelecido. Inconformadas, as Irmandades, não cumpriram as ordens, pedindo o apoio do Estado. Não obstante, devido à ênfase que foi dada por ele de que essas teriam ligação não apenas com a Igreja, mas também com o Estado. Essa ação, por sua vez, ficou restrita à intimidação.

Apesar das exigências do Estado, os bispos continuaram por interditar as Irmandades e acabaram sendo presos. Buscando o esclarecimento das idéias pregadas pelos bispos, um representante do Estado, visitou o Papa para comentar o fato, essa visita foi denominada de *Missão de Penedo*. Percebendo a discordância do Papa com relação à forma que os bispos se portaram, foi feito um pedido de que este escrevesse uma carta demonstrando sua insatisfação. O Papa apesar de escrever a carta colocando sobre a forma radical que esses agiram, pediu a anistia dos bispos e essa foi concedida pelo Imperador.

Os trabalhos dos leigos, e as missões que não tinham a direção de membros da Hierarquia Eclesiástica, eram mal vistas pelos adeptos do processo de romanização da Igreja Católica no Brasil. Assim, ao se voltar para o trabalho social, Padre Ibiapina acabou contando apenas com o apoio de pessoas pobres da Região, se afastando da questão principal pautada nesse período, que era, portanto, a difusão de ideais ultramontanistas em detrimento a submissão ao trabalho do Estado.

Ibiapina nesse período de enfraquecimento do clero e da Igreja, não entrando e qualquer luta com o Estado, entregue ao serviço sobre a alma do povo. Talvez pensasse que, no íntimo o pensamento brasileiro, começando-se uma grande ação pelo interior, o mais era secundário, destinado a desaparecer com os efeitos da propaganda sobre aquele elemento basilar. Não teve um plano de conjunto de reação religiosa, visando o ataque da luta pela cultura no litoral e pelo ensinamento e a doutrinação simples nos Sertões. (MARIZ, 1980, p 153).

Assim, a população se identificava com os leigos e tinha uma devoção intensa aos Santos, merecendo destaque Nossa Senhora e Santo Antônio, uma vez que, sentiam esses mais próximos da sua realidade, recorrendo, portanto, a eles nas horas difíceis.

A distância da população do ideal ultramontano

A realidade vivenciada pelo povo das áreas mais interioranas do país, foi um forte motivo para que esta população tende-se ao apego aos santos tal como havia sido influenciada pelos portugueses. Contudo, esta situação não agradava aos bispos que buscavam centralizar as atividades pastorais e nem ao clero iluminista que queria afastar estas práticas racionalizando a religião. Este catolicismo praticado pela população é descrito na citação abaixo:

Foi nas regiões mais interioranas ou nos Sertões para onde era mais difícil atrair os clérigos que mais se disseminou o catolicismo popular ou rural. De fato a situação de penúria de padres em certas regiões do país favoreceu o desenvolvimento de um catolicismo menos ortodoxo com a participação ativa dos leigos e beatos que investiam principalmente na criação de santuários domésticos e na organização de romarias para esses santuários. (ANDRADE, 2002, p 153)

A população como um todo tinha uma visão bem peculiar em relação à Santíssima Trindade e a imagem de Deus Pai era sempre a de severidade e autoritarismo enquanto a de Jesus era de acolhimento. Já o Espírito Santo era algo muito distante deles ao contrário do que a Igreja oficialmente coloca, tanto que o Espírito Santo é o sopro divino presente no meio da Igreja, dando a ela a renovação e o batismo e sendo invocado em Pentecostes. Maria era alvo de grande devoção e era figura próxima do homem rural que sempre a invocava nas horas difíceis.⁴

Assim, tivemos uma adaptação do catolicismo à realidade daquelas pessoas que desconheciam o dogma da Igreja e que conseguia captar apenas o que era mais perceptível e que estava mais próximo da sua realidade, ou seja, às imagens da Igreja que traziam consigo soluções para os seus problemas.

A intimidade com os santos se dava a partir de suas imagens que provavelmente identificava a mesma com o próprio Santo. Imagens estas que sofriam mutilações como forma de pressionar ou provocar os santos para conseguir algo “Gonçalves Fernandes destacou aspectos bizarros nesta devoção aos santos, através da constatação de mutilação nas imagens sendo explicadas ora como uma provocação, ora como uma pressão para alcançar os favores pedidos” (ANDRADE, 2000, p 15)

⁴ CASCUDO, 1974.

Afinal, como entender o Espírito Santo sendo ele um sopro divino sem forma humana? Como entender um Deus que castiga seus filhos? Como buscar aproximação com algo que estava longe da realidade deles?

A devoção aos santos era tão intensa que, mesmo a Igreja não reconhecendo alguns deles, ela permanecia de tal forma que a mesma não conseguia interferir na predileção das pessoas, mantendo-se distantes de certas proibições e julgando que permaneciam coerentes com os princípios católicos. Todas as decisões pontificais arredando do culto certos Santos velhos, serão para o povo, **opiniões!** A infalibilidade papal não vulnera a predileção popular (CASCUDO, 1974, p 173)

As festas dirigidas aos santos iam do sagrado ao profano, de modo que não se limitava a missa e ao novenário, mas também as festas de rua que eram tidas como um dos poucos divertimentos para a população. As principais festas tidas nessas localidades eram as Festas da Padroeira e as Festas Juninas.

Diante dessa situação Padre Ibiapina, se mantinha sensível a essas práticas apesar de ir contra ao pensamento da Igreja, pois, era na busca de melhores condições de vida, no ensinamento de novas atividades que colaborariam para novas alternativas de se ter uma renda que afiançasse o sustento das famílias, bem como as noções básicas do ensinamento cristão que o padre Ibiapina agia nos lugares que passava:

O mais notável na obra de Ibiapina é que ela foi fundada na treva espessa do analfabetismo e da superstição sertaneja da segunda metade do século XIX. Ele bateu muito dessa treva, ensinando noções de letras, prendas domésticas, práticas da agricultura, ofícios e artes, e procurando comunicar uma fé cega e formalística, mas uniforme, delicada e poética de bondade cristã. Os seus esforços pela instrução sertaneja, sobretudo pela instrução e formação da mulher na camada pobre das populações, foi, deste modo incomparável, pela época, pela extensão, pelo zelo, pela originalidade do gesto edificador (MARIZ, 1980, p 271.)

A compreensão manifestada por Padre Ibiapina no que diz respeito à forma pouco ortodoxa do catolicismo da população rural, bem como as atividades e o entusiasmo causando para que estes colaborassem com a construção de obras úteis no seu cotidiano gerou grande devoção demonstrada pelas festas, flores e foguetórios que saudavam sua chegada na maioria das cidades que ele visitava.⁵

Diante da situação de penúria vigente, mitificar Ibiapina foi algo fácil visto que, este induzia pessoas ao trabalho e essas adquiriam melhores condições de vida. A

⁵ MARIZ, 1980

população apegada aos santos e sob o imaginário de que isso lhe traria solução para os problemas, via em Ibiapina a imagem de uma pessoa santa e, por conseguinte, destinava a ele ritos que demonstravam devoção.

Assim fica evidente a diferença do catolicismo oficial e daquele que era praticado no Brejo paraibano, já que o mesmo desconhecendo alguns dogmas era voltado para devoção aos santos e foi adequado a dura realidade local que estas pessoas se encontravam.

Não podemos, portanto, reduzir o catolicismo ao que a Igreja enquanto instituição impunha através do dogma, pois este em nenhum momento teve uma unicidade, até por que no Brasil o catolicismo praticado pela elite também se distanciava do catolicismo romano já que estava submetido ao Estado.

Se analisarmos, segundo uma perspectiva gramsciana, a Igreja Católica percebermos que esta nunca manteve sua unicidade e isso foi vantajoso, pois ela conseguiu agrupar várias vertentes de pensamentos e permaneceu ao longo dos anos, já que temos várias adaptações do catolicismo.⁶

Também é interessante colocar que essas adaptações são conflitos implícitos a Igreja, já que essas correntes de pensamento não rompem totalmente com o catolicismo para não perder o status que a Igreja oferece principalmente em se tratando do século XIX e do Brasil, uma que ela se mantinha ao lado do Estado e era bastante influente.⁷

No caso do Brejo, temos uma falta de informação da população sobre o “Catolicismo oficial” e uma tolerância de Padre Ibiapina, pois percebia que tal adequação motivava a população e fazia com que estes se identificassem com a “fé católica” e que, caso ele fosse contrário, e lhes impusesse uma doutrina fora de sua realidade certamente estas pessoas não se mobilizariam e não se mostrariam dispostas a colaborar com a sua obra.

O Trabalho missionário e a rejeição da Igreja

Era a partir de um discurso dirigido à população que, o Padre Ibiapina, buscava convencê-la de que trabalhando juntos, por melhores condições de vida, a situação mudaria, por conseguinte, ele conseguia realizar várias obras. Era na esperança de se ter dias melhores que a população como um todo se mobilizava para construir hospitais, cemitérios, igrejas e casas de caridade contando com o recurso financeiro de pessoas

⁶ GRAMSCI, in: PORTELLI, 1984

⁷ SÉGUY, in: FILORAMO, 1999.

mais ricas do local visitado. Vale salientar que ele não esqueceu o conteúdo das missões dos capuchinhos, todavia acrescentou elementos de ordem prática.⁸

É importante destacar que foram poucos os padres que se destacaram nas missões, até porque nesse contexto as preocupações eram outras e os padres estavam divididos entre o apoio do Estado e a centralização do Papa. Assim, são raros aqueles que buscavam atender a população, sendo nesse período considerado um trabalho que deveria ser desempenhado pelo Estado.

No Brasil retirando um raro Frei Caneca, e o presbítero de São Pedro o solidário intelectual e mártir de revoluções eloquências liberais. Deles parte uma mística de ação, imposta pela personalidade irresistível, Padre Ibiapina, Padre Cícero, Padre João Maria. O frade não se tornou íntimo porque o homem-do-interior não os conheceu pastoreando a freguesia, mas tempestuosos e ameaçadores nas Santas missas, bradados pelos apocalípticos capuchinhos. Serão, para o povo os videntes, profetas natos, sabedores do futuro, Frei Vital de Frascarolo e Frei Serafim de Catania, adivinhando pecados e “obrando milagres”. (CASCUDO, p 17, 1974).

Foram poucas as missões no Norte, porém merece destaque o Padre Hermenegildo Herculano Oliveira contemporâneo de Ibiapina que trabalhou na construção de cemitérios, Igrejas e Cruzeiros. Existiram, entretanto outras poucas missões de alguns Freis Capuchinhos que tiveram breve passagem. “Anteriormente aos dois só nos ocorre missionários no Sertão da Paraíba Frei Caetano de Messina, em 1843, Padre Manuel Jose Fernandes, em 1848 e o capuchinho Frei Serafim da Catania, entre 1849 e 1853, todos em perlustrações ligeiras.” (MARIZ, 1980, p 58.)

Padre Ibiapina sabia da existência de outras missões e se utilizou de seus ideais, entretanto seu trabalho foi diferenciado, pois ele retirou suas idéias de tais missões e de sua experiência de vida de forma que conseguia mobilizar grande parte da população do Brejo paraibano.

Assim, o seu trabalho missionário foi prejudicado pela forma peculiar com que foi realizado, mesmo este estando a favor das idéias romanizantes, uma vez que se incomodava com a postura racionalista e seguidora de idéias contrária a da Igreja enquanto Instituição, o fato dele realizar missões isoladas de ordens religiosas e de convocar mulheres da localidade para realizarem o trabalho nas casas de caridade e denominá-las ainda de Irmãs de Caridade sem o beneplácito de Roma, gerou polêmica.

⁸ COMBLIN, 1993.

O Padre Ibiapina tinha, inicialmente, o intuito de voltar suas atividades para o Ceará, no entanto, em 1861, foi criada a Diocese de Fortaleza na qual o Bispo Dom Luiz, devido a forte influência das idéias ultramontanas, julgava que todo o trabalho missionário deveria depender dos bispos. Em MARIZ (1980) podemos constatar um pouco sobre as atividades exercidas no local:

Chegando a Fortaleza naquele fim de agosto ou dias iniciais de setembro de 1862, Ibiapina foi ter com o bispo D Luiz que então se achava em Soure . Ai proferiu sua primeira predica no Ceará, tendo por tema a honestidade e o recato na mulher, um dos bordões de sua doutrinação, em toda a vida. De Soure, tocando e discursando nos povoados de Imperatriz (depois Itapipoca) e S José. Ibiapina dirigiu-se para Sobral, gleba de seu nascimento, onde foi recebido solenemente de que, iniciada a 27 de setembro, no fim de novembro sua inauguração (19). Em fevereiro de 1863 instalava outra Casa, em vasto prédio de 15 janelas de frente, Santa Ana de Acaraú. (1980, p 67).

Diante da influência das idéias ultramontanas Dom Luiz, em 1863, expulsou Ibiapina de Sobral e da Região Norte do Ceará, contudo ele continuou por realizar missões e construir casas de caridade. Não obstante, em 1869, ele foi definitivamente proibido de se manter na direção das Casas de Caridade do local, estas ficando nas mãos do Bispo Dom Luiz que as administrara.

Percebemos, portanto, que a peculiaridade do trabalho missionário do Padre Ibiapina garantiu que esse fosse criativo e original, no entanto sua ausência de vinculação com alguma ordem religiosa, bem como a tentativa de introduzir idéias ultramontanas no Brasil fez com que não tivesse quem se dispusesse a dar continuidade e suporte as Casas, sua principal obra bem como as demais já que estas contavam apenas com o apoio da população.

No apoio dentro das Casas de Caridade ele pôde contar com mulheres da própria localidade visitada que quando permaneciam dentro das Casas de Caridade e que recebiam o nome de Irmãs de Caridade, denominação esta criada por ele sem o beneplácito de Roma.

Considerações finais

Diante da situação do clero brasileiro e das missões populares no Norte imperial podemos observar que o fortalecimento que foi adquirindo o ultramontanismo no país através da presença dos núncios apostólicos e da presença de bispos em Roma, fez com que a centralização se tornasse incompatível com a presença de leigos a frente das missões.

A postura adotada pelo chamado “catolicismo iluminista” também não era favorável a esta situação, pois buscava apenas adotar uma postura liberal que fosse de encontro a sua dependência a Coroa portuguesa e fazer, portanto, com que fossem abandonadas certas práticas que advém de Portugal como o culto aos santos, presente no catolicismo popular.

Dessa forma este catolicismo praticado pela população carente não obteve o apoio dos propagadores do catolicismo dito “iluminista” e muito menos daqueles que buscaram difundir os ideais centralizadores próprios do Ultramontanismo.

Padre Ibiapina, por sua vez, diante dos ideais que existiam no país durante suas missões, conseguiu fazer com que sua obra fosse inovadora, por contar com o apoio das mulheres leigas, mas, ao mesmo tempo, sua obra sofreu a indiferença da Igreja secular, que se tornou hostil após a sua morte.

Nesse sentido, poucas Casas de Caridade permaneceram abertas depois do falecimento do seu idealizador, uma vez que as Irmãs de Caridade se sentiram desamparadas pela ausência do Padre Mestre, que nos últimos anos de vida, mesmo paralítico, se fazia presente em todas as instituições por meio de cartas enviadas as diretoras das mesmas.

Assim, sem orientação, sem condições financeiras para manter os estabelecimentos pastorais e sem o poder de convocatória do Padre Ibiapina para despertar novas vocações, várias irmãs abandonaram a missão e em pouco tempo a maior parte das Casas, fecharam as portas.

Portanto, o pensamento católico desse período fez com que as missões no Norte Imperial que contava com a direção de atividades sociais por parte dos leigos não tivessem o suporte da Igreja enquanto instituição para se manter e se limitando apenas a doações de pessoas das localidades e assim na obra do Padre Ibiapina com a morte das ultimas Irmãs não foram suscitadas novas vocações.

.Referências Bibliográficas

ANDRADE, Maristela de Oliveira. **500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil**. Editora Universitária: João Pessoa / UFPB 2002.

AZZI, Riolando. **A crise da cristandade e o Projeto Liberal**. História do pensamento católico no Brasil – II. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

BARROS, Roque S. M. de. 'A questão religiosa'. Em: Holanda, Sérgio B. de (org.). **História geral da civilização brasileira**. 4ª ed. São Paulo, Difel, tomo II, vol. 4, 1985 pp. 338-65.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Religião no povo**. Editora Universitária João Pessoa, 1974.

COMBLIM, José. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Paulinas, 1993.

DUARTE, Leopoldo e Silva Vide. **O clero e a independência**, São Paulo:Edições Paulinas,1972.

HOORNAERT, Eduardo. **Crônicas das Casas de Caridade** fundadas pelo Padre Ibiapina Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria do Estado do Ceará, 2006.

MARIZ, Celso. **Ibiapina, Um apóstolo do Nordeste**. 2ª ed João Pessoa: Ed Universitária /UFPB, 1980.

PORTELLI, Hugues.**Gramsci e a Questão Religiosa** São Paulo: Edições paulinas 1984

ROMANO, Roberto. **Igreja contra Estado** (crítica ao populismo católico).São Paulo: Kairós Livraria e Editora LTDA 1979.